

# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### INDUSTRIA E SCIENCIAS.

#### ESTUDOS SOBRE CABO VERDE (\*).

##### II.

(Vem continuado do n.º 12.)

*Um feudalismo bastardo. — A villa do Alcatraz. — O primeiro Governador Geral. — Provanças de nobreza, ou o Cahão. — Os melhoramentos. — Só o clerigo é popular. — Quanto convinha que os bispos e os governadores se dessem as mãos. — Notas.*

Cuidaram os primeiros povoadores, quasi todos nobres e fidalgos, que poderiam estabelecer nestas Ilhas um feudalismo já degenerado, quando ninguem ignora que essa instituição não tinha podido crear raizes, nem ganhar forças em Portugal, por causas bem conhecidas de quantos são lidos na historia patria; e nessa supposição tresloucada apresentaram-se nos seus novos dominios emprehededores e insolentes como quem se lisongeava de conseguir um feito arriscado, e não temia adversarios entre os criados e villões que comsigo trouxera, os quaes não podiam deixar de obedecer-lhe. Se desses nada tinham que temer, parecia facil a empresa a quem previa que a corôa lhe não poria estorvos porque estava mui distante, e porque em favor seu parecia que d'antemão abdicára toda a soberania destas terras.

O governo que elles estabeleceram foi uma olygarquia que se perpetuava de paes a filhos, e que residia nos chefes da familia. Com semelhante organização parecia por certo impossivel que não fossem tão ousados como esses barões da idade media, e mais ainda que elles; pois não havia, nem seria facil apparecer, adversario tão forte que podesse subjugal-os, e sobre elles dominar só.

Mas não aconteceu assim: mais tarde, e não depois de muitos annos, appareceu-lhes esse formidavel adversario, que tirava toda a sua audacia da propria

constituição do governo, do numero de servos, e escravos, e em pouco tempo tambem do favor da corte. Era este a rivalidade do poder que todos ambicionavam, que uns pretendiam conquistar para si sós, que outros forcejavam por conservar mas em seu proprio proveito; era ainda o mando que pretendia possuir inteiro qualquer dos que apenas o tinha dividido.

Assim vimos nós doações revogadas, e dadas a outros com diversos pretextos, e em continuação, as luctas intestinas que uns provocavam contando com o apoio da sua parentella rica, numerosa e ousada; e que os outros sustentavam para manterem a propria dignidade, ou o lustre que della tiravam as familias alliada com o luctador.

Destes combates encontrei vestigios na historia da Ilha de Santiago, talvez porque foi alli que se travaram mais renhidos, talvez porque alguns escriptos chegaram até nós; porém estou convencido de que tambem na Ilha do Fogo alguma cousa se passou de semelhante ao que trouxe agitada a Ilha de Santiago por mais de 25 annos, e inclino-me a crel-o porque me pareceu encontrar na população daquella Ilha indicios de que tambem as passadas gerações foram atormentadas por mal identico. Isto porém não passa de mera supposição minha, a que o leitor dará o credito que lhe parecer.

A necessidade de fortalecer as proprias parcialidades, e de enfraquecer as oppostas, occasionou dois acontecimentos que na minha opinião são muito importantes: foi o primeiro as concessões de terras feitas a criados e villões; e o segundo os casamentos destes com filhas bastardas de alguns donatarios: por este meio cresceu consideravelmente o numero dos proprietarios, e cresceu tambem a população, que ganhou incremento com as alforrias dos escravos por necessidade politica, que equilibrava as que o espirito religioso concedia por outro lado.

Por este modo se formou, cresceu e prosperou a população da Ilha de Santiago; esta, sendo ao principio apenas sufficiente para a povoação de Santiago (na freguezia deste nome, a qual dentro de pouco tempo foi abandonada por causa dos mosquitos e hernias, para ir assentar-se no sitio que hoje se chama Castelinho, a que pozeram o nome de Alcatraz), antes de serem passados 80 annos avultava já tanto, que não

(\*) A reprodução destes artigos não é permittida sem consentimento do auctor.

só aquelle sitio era já uma villa, mas tambem havia bastantes moradores nos pontos, que depois se chamaram Cidade da Ribeira Grande e Villa da Praia, e ainda a sufficiente para se dividir a ilha em duas capitánias (1497), e mais logo em um bispado (1532).

Não era possível que durasse por muito tempo um estado como o que acabei de descrever; e assim é que a Ilha de Santiago foi, como deixo dito, dividida em duas capitánias môres, a do sul e a do norte, cujos titulares repartiram entre si todo o dominio e poder.

Porém esta divisão era ainda prejudicial porque punha em frente uma da outra as duas auctoridades, que não tardaram a procurar supplantar-se mutuamente para que uma só governasse toda a ilha: assim as luctas reviveram tão intensas como dantes, e repetiram-se os manejos de que nos annos anteriores tão bom partido tinham tirado as diversas parcialidades.

Mas o feudalismo tinha já conhecido que não podia ser menos infeliz do que o fôra na Europa o tronco de que era um ramo degenerado: e com tudo aqui não eram da mesma força as causas que tinham em Portugal obstado a que se acclimatizasse; porém a corôa conheceu por fim que carecia de fundar além mar elementos de resistencia identicos aos de que tão bons resultados colhera áquem d'elle. E porque o não attribuiria eu tambem ás idéas civilisadoras que, atravessando os mares, foram domar a braveza de costumes dos colonos de Cabo Verde? se é uma illusão minha, fôlgo com ella pois que me dirigiu e guiou nas minhas investigações sobre as cousas desta provincia.

Pouco tempo duraram as duas capitánias. Antes de findo um periodo de 12 annos deparei com um unico capitão môr, que a tradição dá residindo na Villa do Alcatraz e sitio do Castello a pouca distancia da Villa. Talvez que a residencia deste capitão môr fosse fortificada, e que dahi lhe viesse o nome que tinha: talvez que esse nome fosse anteriormente o do sitio, e que isso com a consciencia da aversão que lhe votariam os povos pelas suas extorsões suscitasse a algum de seus successores a necessidade de estar prevenido contra qualquer movimento, e dahi as fortificações: nada affirmo, nada passa de conjecturas.

O primeiro capitão môr, de que eu tive noticia, foi Martim Affonso, que chegou a Santiago com o titulo de capitão môr e corregedor pelo anno de 1530.

Depois de mais de um seculo de anarchia ensanguentada apparece finalmente este magistrado, que em si reunia tambem as attribuições judiciaes, e administrativas, ás militares e politicas; o qual foi mandado á Ilha de Santiago com grandes poderes, entre os quaes não era de menos monta o de conceder terrenos de sesmaria, quer dos que ainda estavam inculcos, quer dos que se consideravam indevidamente doados. Assim acabou o 1.º periodo da historia de Cabo Verde.

Depois d'elle, um véu densissimo cobre de novo a historia desta colonia por espaço de quarenta annos,

que tantos decorrem desde que aquelle tomou posse de sua capitania môr, até que se vê com o mesmo exercicio;

Gaspar Rodrigues Velho, ou o Velho, que foi nomeado e tomou posse em 1570:

Nova obscuridade por espaço de 10 annos, findos os quaes apparece;

Gaspar Andrade, que tomou posse em 1580, e que governava a Ilha quando dois annos depois foi a mesma salteada e roubada por Francisco Drake, capitão corsario inglez;

André Rapozo, que lhe succedeu em 1586, foi o ultimo capitão môr que teve esta Ilha; seguindo-se-lhe em 1592 Duarte Lobo da Gama, que foi o primeiro que alli appareceu com o nome de governador de todas as ilhas.

Em que epoca deve por tanto collocar-se o desastroso acontecimento, que provocou a completa destruição da Villa do Alcatraz, a dispersão de seus habitantes, e a salga do chão em que a mesma villa tinha estado edificada? (1) Suppondo que o facto seja verdadeiro tanto em si, como em seus accessorios, o que me não atrevo a asseverar pois que foram baldadas todas quantas diligencias fiz para encontrar algum documento escripto, que o confirmasse; inclino-me a que teria passado durante a primeira interrupção, no periodo dos quarenta annos de que nada se pôde sa-

(1) A tradição popular deste facto é a seguinte:

«Havia na Ilha de Santiago um capitão-môr, cujos appetites eram tão desenfreados, e seus instinctos tão brutaes, que não conhecia limites quando se tratava de satisfazer aquelles, ou de obedecer a estes. Aconteceu que passou por alli um ministro que ia com sua filha para terras do Brazil ha pouco descubertas, o qual foi hospedar-se em casa do capitão-môr por ser pessoa de importancia. Vêr este a filha do ministro, namorar-se d'ella, e querer por força possuil-a foi quasi que um só pensamento, e assim deliberou-se a rouba-la, o que fez por meio de seus numerosos escravos, que arrancaram violentamente a filha dos braços de seu pae. Este que não tinha força á sua disposição para vingar-se do ultrage que soffria, teve de partir para o seu destino, donde escreveu para Portugal queixando-se do ultrage que soffrera: el-rei mandou então alli uma embarcação de guerra com um syndicante para devassar do caso, e trazer prezo para Lisboa o capitão-môr criminoso.

«Este, prevendo que não podia ficar impune tão grande desacato, fingiu que nada tinha que temer, e convidou o syndicante e os officiaes da embarcação para jantarem em sua casa em um dia que destinou, e no qual concorreram sem a menor desconfiança os convidados. Depois que chegaram deu-se principio ao banquete, no meio do qual, e a um signal dado, uma explosão de polvora levou pelos ares a casa e quantos nella se achavam, que assim passaram de um festim para a eternidade!

«Sabedor el-rei deste successo, e justamente indignado, mandou uma expedição com ordem de arrazar a Villa do Alcatraz, proximo da qual residia o malvado capitão-môr no sitio que ainda hoje conserva a denominação de *Castello*: o que se fez, sendo primeiro forçados a abandonar-a seus moradores, parte dos quaes foram para a Cidade da Ribeira Grande, e parte para a Villa da Praia, e ninguem mais se atreveu a construir casas neste chão que foi salgado, e que ainda hoje é olhado com horror como maldito.»

ber, pois me parece que se fosse posteriormente teria chegado até nós, com a mesma individuação com que chegou a narração do ataque dos piratas inglezes, commandados por Drake.

No anno de 1592 começou o 2.º periodo da historia de Cabo Verde; á confusão e escuridade dos annos anteriores seguiu-se alguma cousa de mais regular, e melhor conhecido; as fabulas, que a tradição não podia deixar de crear e de perpetuar em homens boçaes, ignorantes e supersticiosos, quando mais não fosse, desfigurando os factos, cederam o logar á critica e ao exame reflectido; e posto que ainda uma ou outra vez a duvida se apodera do historiador, não ha com tudo já receio de que se transvie, ou se enlêe no labyrintho dos tempos de crassa ignorancia, e em que se tratava mais de pelepas ou mercancias, que de letras e escriptos.

Com a chegada deste governador (Duarte Lobo da Gama) investido de todo o poder, cessou a guerra descuberta, que por tantos annos dividira os maioraes da terra, e que arremetára em hostes inimigas os devidos e adherentes delles, por isso que já não havia cousa real sobre que assentasse, e a victoria de qualquer das parcialidades ficaria sem objecto: continuou com tudo a guerra latente, que já não com armas se sustentava, e apenas se entretinha com intrigas — não descia ás ruas, não lidava nos campos, não causava mortos nem feridos, mas nem por isso era menos forte nos gabinetes dos intrigantes, e no salão dos governadores. Não era já o poder que se conquistava, era a influencia que se pretendia; eram as capitaniaes môres das Ilhas que se ambicionava, eram ainda os cargos de tenente general do governo (herdeiro eventual do governador?), e commissario geral (commandante dos auxiliares de cavallaria) que esses maioraes procuravam obter pela consideração, que dahi lhes vinha, e tambem pelas riquezas que lhes proporcionava.

A nomeação d'uma só auctoridade superior para dirigir e reger a colonia, os fóros municipaes concedidos á Cidade da Ribeira Grande, o terrivel escarmanto inflingido á insolencia dos magnatas na pessoa do *bachá do Castello*, deram golpe mortal na oligarchia, que, perdidas as esperanças de dominar em toda a provincia, moderou algum tanto mais os seus desejos, e contentou-se com avexar os *seus vassallos*, e formar colligações para arrostar com a auctoridade do governador, e manter o que chamava seus privilegios, de que era um dos mais importantes o direito de couto para os criminosos. Assim tinham elles á sua disposição grandes facinoras, pelo terror dos quaes alcançavam muitas vezes da fraqueza do governador, o que não tinham podido conseguir das proprias intrigas.

Era ainda então o seu orgulho tamanbo, que mais não podiam, nem mesmo aos brancos, que chegavam do reino, consentiam que com elles convivessem, uma vez que não mostrassem ser descendentes de sangue nobre; e se por serem empregados, ou por qualquer

outro motivo, quieriam residir na cidade sômente se lhes permittia habitarem na rua do Calhão, onde a sua sociedade se limitava á dos pretos, ou á dos outros portuguezes que na dita rua moravam; e só depois que fizessem provanças de nobreza é que os fidalgos da terra lhes abriam as portas de suas casas. Por muitos annos se continuou esse costume, pois não obstante a provisão de el-rei D. Manuel de 1515, que prohibiu *aos fidalgos e aos judeus morarem na cidade sem provisão especial*, elles não só moravam, como tambem dominavam, e abusavam de seu dominio conforme se tem visto.

Mas, nem com a nomeação das novas auctoridades deixou de haver desasocego entre o povo, e quasi direi que a situação aggravou-se mais a alguns respeito porque á lucta material que se combatia nas chaa-das e com as armas na mão, succedeu a lucta moral, que se pelejava nas consciencias com excommunhões d'uma parte, com violencias da outra. Parecia que as diversas supremacias que se tinham pugnado na Metrópole, quando já iam de vencida, procuravam refugiar-se nas colonias, e digo nas colonias, porque, olhada sob este aspecto, a historia de Cabo Verde é a historia de todas as conquistas de Portugal: a aristocracia e o clero combatendo successivamente a dominação dos reis, que a ambos era insupportavel.

E a aristocracia e o clero eram aqui tambem adversarios do governador: eu já disse como a primeira procedeu, e indiquei qual fôra a tactica que o segundo adoptou. E' verdade que tambem algumas vezes estes dois adversarios da auctoridade real voltavam as suas armas um contra o outro, e se combatiam fortemente, porém quando se tratava de atacar o inimigo commum, pactuavam entre si a paz, e juntos e unidos com a intriga e com as censuras, alevantando turbas e interdizendo as igrejas, se precipitavam sobre o governador, que umas vezes por imprudencia, outras por covardia, outras finalmente por bigotismo da côrte, nem sempre cantava victoria sobre seus temiveis adversarios, que devemos á verdade dizer que nem sempre tambem eram desarrasoados.

Passava o anno de 1597: tinha apenas tomado posse o terceiro governador, que era Francisco Lobo da Gama, e regia a diocese o bispo D. Fr. Pedro Brandão, da ordem dos Carmelitas, quando rompeu a lucta entre a auctoridade ecclesiastica e a temporal. Foi o pretexto a collocação do sitial do governador na igreja da Misericordia, que servia de Sé: os conegos oppuzeram formal resistencia ao querer do governador, e como este a desprezasse, elles abandonaram a igreja, e foram officiar na de S. Nicoláu Tolentino, aonde o governador mandou força para os prender com offensa do direito, da moral e da prudencia.

Esta desavença pacificou-se, mas já com um, já com outro pretexto, não cessou de apparecer de annos a annos com caracter de perfeita hostilidade, causando serios embaraços á colonia.

Nem é para admirar que o clero se mostrasse adverso á auctoridade civil, que acabava d'erguer-se e que já tendia a subjugar tudo pelo imperio da força: o seu instincto de corporação lhe fez prever que a supremacia que tivera até alli havia de enfraquecer-se e desaparecer diante do imperio da espada; e que a instrução, que só nelle residia e por effeitos da qual tinha primado sempre com a olygarchia ignorante, que acabava de succumbir, nem o escudaria das *invensões* de um *corregedor del-rei*, nem tambem seria nelle respeitada.

Examinando-se imparcialmente estas luctas, encontra-se, como daguerreotypada, a lucta de que a Europa estava sendo expectadora e agente desde o 15.º seculo, e isto embarga a voz de quem pretendesse apresentar-se accusador de uma das partes contendoras: comtudo parece-me que não póde deixar de sentir-se que a razão nem sempre estivesse do lado do clero, porque presente-se que a dominação clerical era nestes tempos e para estas terras a unica proveitosa, e que se por alguns annos se tivesse ella prudente e francamente estabelecido, a actual situação deste povo seria muito mais vantajosa do que foi, e ainda do que é.

A auctoridade dos governadores, e pouco depois tambem a dos ouvidores, que devia ser benefica, tutelar, e civilisadora, foi pelo contrario da parte do maior numero delles brutal, vexatoria, e conqussionaria: e os povos perseguidos e avexados, tanto nas povoações como nos seus *funcos* (choças), só nas igrejas e nos seus ministros achavam guarida e protecção, assim como uteis ensinios.

Isto mostra, ao menos na minha opinião, que o principio christão é essencialmente civilizador, que opera mesmo a despeito dos elementos que não póde deixar de empregar para a sua obra de regeneração! O clero de Cabo Verde, mais que nenhum outro, devia ser opposto a todas as luzes, a todas as idéas de progresso moral, e material, porque só assim poderia conservar o seu predomínio; e comtudo é do chefe deste mesmo clero, é de seus principaes membros, que o povo de Cabo Verde recebe as primeiras luzes de instrução, as primeiras noções de moral, os primeiros melhoramentos na ordem material, que amansam os instinctos das principaes classes da sociedade colonial, que aperfeiçoam a vida intellectual e phisica das classes medianas, e aligeiram o viver do escravo, d'antes tão penoso.

Beneficios tão reaes, que só á religião christã se devem, não podiam deixar de indelevelmente se esculpirem na lembrança dos povos, que tambem se não esquecem dos agravos que seus avós receberam, apesar de sobre alguns terem já passado seculos: e é talvez por isso que, em quanto uma aversão instinctiva aos morgados reage ainda agora contra elles, como sendo especialmente os herdeiros dos antigos magnatas — em quanto um terror profundo corre por todos

os membros da população na epoca da inauguração d'um novo governador, de que se não aproximam os homens do povo sem muito receio, a posse d'um bispo, ou a sua visita a alguma das ilhas é um dia de festa popular, que não é ordenada pelas disposições officiaes, mas pelas inspirações do coração. Um padre é ainda hoje olhado como o unico amigo do povo, e se o seu comportamento causa aversão, dirigem-se ao estado as affeições de que o homem se torna indigno.

De que procederá isto? não é para agora responder; consigno o facto, e para mais tarde fica moralisalo.

E' por isso que bastantes vezes me affligi por vér que se não comprehendia bem que o bispo e o governador, que as auctoridades civis e o clero, deviam ser considerados como os verdadeiros elementos da civilisação para com plena boa fé e vontade combinarem mutuamente os seus exforços; porque só assim é que se conseguiria que a mansidão do padre modificasse o rigor da auctoridade civil, assim como que a imparcialidade desta neutralisasse as pretensões daquelle; porque só assim finalmente poderia conseguir-se que o povo marchasse alegre e satisfeito com a civilisação, e que fossem duradouras as vantagens que ella lhe procurasse: quando pelo contrario procedimento eu estava vendo que o clero se oppunha a todas as reformas em que não tomava, nem podia tomar parte, e que o povo protestava contra ellas pela sua repugnancia, assim como por uma opposição d'inercia destrua sempre todos os melhoramentos que a auctoridade lhe impunha. Esta é a razão porque a alguns respeito a civilisação em Cabo Verde estacionou, e a outros, retrocedeu muito do ponto onde chegára.

Lisboa, 3 de Setembro de 1848.

*José Maria de Sousa Monteiro.*

Convencidos ha muito da importancia da associação de Portugal com a Hespanha, não só no que pertence a objectos de interesse social, como nas alfandegas, vias de communicação, agricultura, &c., mas tambem nas cousas litterarias e scientificas; desejosos ha muito de que os nossos vizinhos sentissem como nós o valor dessa associação; nós tivemos o maior prazer ao lér no *Boletim Official de Commercio, Instrução e Obras Publicas* publicado em Madrid, o artigo cuja traducção damos hoje no nosso jornal, escripto pelo illustre naturalista hespanhol, D. Miguel Colmeiro, de que já fallámos aos nossos leitores.

Este artigo, importante pela doutrina que expende sobre a união scientifica e litteraria da Península, união cujos resultados se não podem avaliar devidamente porque são incalculaveis, é ainda digno de se estudar pelas muitas idéas justas que contem sobre as nossas cousas, e pelo modo luminoso com que considera o estado da nossa instrução publica, e indica as suas mais urgentes necessidades.

Em quasi tudo nós concordamos com o illustre Professor hespanhol: e faremos com elle votos para que estes dois povos, tão irmãos, tão semelhantes, se conheçam e avaliem melhor, esquecendo velhas rivalidades e odios anachronicos, que hoje devem ser taxados de ridiculos.

*Quão importante seja que os naturalistas hespanhoes se relacionem, porque o devem fazer, com os portuguezes, e noticias de instrucção publica em Portugal, particularmente no que pertence a sciencias naturaes.*

No progresso de todas as sciencias influe notavelmente a mutua correspondencia dos homens que as cultivam; mas para o das naturaes é em extremo importante que as communicações reciprocas sejam tão frequentes quanto possível fôr, e tão variadas quanto o exija a extensão do objecto a que cada um se propõe. Por este convencimento sympathizam com facilidade os naturalistas de todos os paizes; e os que viajam são acolhidos fraternalmente por toda a parte onde existam pessoas que considerem a sua sciencia com verdadeiro interesse, e ainda mais se lhes offerecem alguns mimos que sendo fructo de viagens e investigações proprias, os acreditam como amantes da natureza, não fingidos, senão sinceros e laboriosos. Porém não é mister viajar para receber por taes meios provas satisfatorias de uma amizade pura e verdadeira, como cimentada pela propria natureza, cuja contemplação fórma a alma benevola e socegada, ainda que o não pareça sempre a daquelles que afóra de criticos conscienciosos se crêem obrigados em certos casos a correr véos que occultam a realidade de algumas cousas. Sem sair do solo natal, pôde o naturalista cimentar e conservar do proprio gabinete boas relações scientificas que favoreçam os seus proprios progressos e os do ramo a que se dedica, em quanto que isolando-se inteiramente, nem logrará taes vantagens, nem tambem se porá em caminho de se crear um nome que engrandecido por outros meritos, possa talvez tornar-se um dia honroso para a sua patria. Verdades são estas em demasia obvias que fôra ocioso e impertinente recordar, se entre nós não reinasse mais geralmente do que se pensa um espirito de isolamento scientifico, que não acertamos a explicar, vista a epoca em que vivemos; porém cujas consequencias nos são bem conhecidas.

Os naturalistas hespanhoes achão-se nas melhores circumstancias para obter dos estrangeiros uma correspondencia que offereça as vantagens indicadas. O serem poucos em numero, o poderem-se distinguir facilmente entre os seus, e o viverem n'um solo cujas produções naturaes são desejadas com avidéz por todos os que fôra da Peninsula formam colleções, abrem-lhes caminho para se dirigirem ás maiores notabilidades da sciencia, e não é raro que algumas dellas se antecipem a manifestar os seus desejos de estabele-

rem mutuas communicações, sempre que lhes chega á noticia o nome de algum naturalista hespanhol. Exemplos de tudo isto poderamos citar. Posto que não abundam, tambem não faltam entre nós pessoas que cultivem as sciencias naturaes com bastante enthusiasmo para que deixem de aproveitar tão favoraveis circumstancias, cuja força augmenta o seu proprio merito. Mas não queremos exaltando uns deprimir outros, e só nos propomos, como até agora, excitar os nossos naturalistas todos, seja qual fôr a cathegoria que occupem na sua sciencia, a que fação ou continuem a fazer os esforços que aquella ha mister, se a quizermos vêr com brevidade viva e florescente na Hespanha.

Como as tendencias e desejos que temos mostrado por outras vezes se dirigem de preferencia a promover o estudo das produções naturaes de Hespanha, mostrar-nos-hiamos inconsequentes, se ao fazer o encomio da utilidade da mutua correspondencia entre os naturalistas, nos limitassemos a indicar as vantagens que podem resultar das communicações entre os proprios do paiz e os que lhe são extranhos. Consideramos de tal transcendencia as mutuas communicações dos naturalistas nacionaes que se achão dispersos pelo nosso vasto territorio, que desejamos com o maior empenho vêr-os unidos pelos laços do mais puro interesse scientifico. São principalmente os zoologos e os botanicos que necessitam ajudar-se reciprocamente, porque se se propõem estudar e fazer colleção, como o devem fazer, da multidão de seres organicos de ambos os reinos que povoão o solo hespanhol, é indispensavel que se correspondam, trocando não só os objectos naturaes das provincias em que residem, mas até os conhecimentos que sobre elles adquiram. Mas para que não falte nunca toda a boa intelligencia e harmonia que são proprias de homens consagrados ao estudo das mesmas sciencias, conformes á indole destas, e necessarias aos seus progressos, torna-se indispensavel que não existam pretensões intempestivas de mostrar superioridade, nem receios exagerados de descobrir inferioridade. E se dizemos isto com tão grande franqueza, não se pense que o fazemos sem necessidade nem fundamento algum: convem recomendar aos mais praticos no conhecimento dos seres e aos que possuem mais meios de os examinar, que sejam generosos e até indulgentes com os que se achão em circumstancias oppostas; e a estes que não recusem comunicar-se com aquelles, receosos de se lhes mostrarem pouco conhecedores, se lhes perguntassem nomes; porque não é cara a instrucção que só custa um pequeno sacrificio do amor proprio, e menos ainda se fôr para a transmittir.

A historia natural patria, é para nós outros a da Peninsula toda que habitamos, como o manifestamos a proposito da botanica noutro artigo. Os limites politicos não valem o que valem os naturaes, e em vão existem para o naturalista os que medtam entre Hes-

panha e Portugal. Digamol-o já, a Peninsula hespanhola fórma uma só região, divisivel em outras de ordem inferior bastante caracterisadas; porém inseparaveis. Pois bem: se nós pugnamos pela união e reciproca correspondencia dos naturalistas hespanhoes, deixaremos de o fazer igualmente em favor da que deve mediar entre os hespanhoes e os portuguezes? Não, seguramente, e pelo contrario desejamos sinceramente que estas mutuas relações scientificas se estabeleçam, tanto mais quanto hoje as não temos com Portugal mais intimas do que com a China. Estranho é por certo que dois paizes vizinhos e semelhantes sob diversos aspectos, se desconhecam tanto neste ponto, que nem os portuguezes conhecem bem a altura em que se acham as sciencias e a instrucção publica em Hespanha, nem nós estamos inteirados do que entre elles se passa, sendo-nos quasi desconhecidos os seus homens e as suas cousas scientificas. Não parece senão que obra ainda certo influxo tradicional que, contrariando a natureza mesmo, e algumas tendencias que se observam, intenta separar as capacidades de ambos os paizes, como se esta união podesse lançar os alicerces de outra mais completa!

Ha tempo que nutrimos o pensamento de visitar os nossos vizinhos peninsulares para conhecer o seu gráu de adiantamento nas sciencias naturaes e adquirir algumas relações com os que professam o ramo a que mais especialmente nos dedicamos. Aproveitando a occasião de uma recente viagem, permanecemos em Lisboa uma temporada sufficiente para lograr o nosso designio; e as noticias que podémos adquirir, assim como as idéas que formamos das cousas scientificas daquelle paiz, julgamos que não serão desporvidas de interesse, ou que ao menos poderão satisfazer a curiosidade.

A instrucção publica em Portugal não se acha submettida a um systema de completa uniformidade, como em Hespanha o temos estabelecido. Centro da instrucção facultativa e ha muito tempo com a posse de o ser, é a justamente celebre universidade de Coimbra, tão zelosa de seus antigos direitos, e tão docil e respeitosa se lhe concedem, que só para ella está reservado conferir gráus em philosophia. Rege-se por um plano decretado em 1836, que se deixou intacto em 1844, limitando-se então a reforma mais principalmente á instrucção primaria e secundaria, ainda que se não chegasse a estabelecer conforme as bases adoptadas tão geral e completamente como se havia projectado. Para melhorar a instrucção primaria, dividida em dois gráus, faltam a Portugal as escolas normaes, que se determinou estabelecer; e a instrucção secundaria, ainda suppondo-a na actualidade perfeitamente d'accordo com as novas bases, adoece em nossa opinião de algumas faltas. Os licêos, ou institutos, concedidos ás capitães dos districtos administrativos e das dioceses de Portugal, abraçam diverso numero de cadeiras, segundo as circumstancias locaes,

diversidade que não existiria se nos licêos se não tivesse querido reunir ao ensino propriamente secundario algumas cadeiras especiaes e industriaes, e até o ensino ecclesiastico. Nelles não se acham estabelecidas em regra geral cadeiras de phisica, chimica e historia natural, cujas noções devem ser communs a toda a educação scientifica, e só para em alguns as estabelecer obteve o governo a competente auctorisação. Não se julgando necessarias em todos os licêos taes cadeiras, deixam ellas de existir com sobrada razão nos collegios particulares, que se resentem de uma liberdade demasiado ampla. Não podem os licêos conferir gráus em philosophia, apesar dos seus professores formarem um conselho presidido por um reitor que representa o governo. Mas não é isto de admirar quando se vê que tambem não tem auctorisação para isso a escola e a academia que com o titulo de polytechnicas se acham estabelecidas em Lisboa e Porto, sendo certo que na de Lisboa pelo menos se ensinam disciplinas sufficientes para constituirem uma faculdade de sciencias.

Como já acima o indicamos vê-se que os estudos não podem obter em Portugal o caracter universitario, senão recorrendo a Coimbra. Por isso quaesquer que sejam os elementos com que contem para a instrucção medico-cirurgica as escolas para ella destinadas em Lisboa e no Porto, só a universidade de Coimbra pôde fazer doutores em medicina, concedendo-se meramente aquella auctorisação para formar cirurgiões, e pharmaceuticos tambem, porque ás mesmas escolas medico-cirurgicas estão agregadas as disciplinas de pharmacia, cuja parte pratica é a unica que está a cargo de demonstradores pharmaceuticos. Não visitamos a universidade de Coimbra: temos, com tudo, motivos para acreditar que o seu jardim botanico, gabinetes e mais meios são bastantes para ensinar sufficientemente as sciencias naturaes; porém não concebemos que as medicas, e particularmente a clinica, o possam ser com vantagem onde não existe um grande hospital. Debaixo deste ponto de vista, e debaixo de outros tambem, julgamos que se Portugal quer ter uma boa escola medico-cirurgica semelhante ás nossas, ou ás de outros paizes, é mister que conceda preferencia á de Lisboa, ampliando-a e aperfeiçoando-a mais, constituindo-a, para dizer tudo, em verdadeira faculdade de medicina, que não exclua a cirurgia, e ella só bastaria para todo o reino.

Sem entrar n'outros promenores sobre as varias faculdades, nem a respeito de algumas escolas especiaes, poderá formar-se pelo esboço anterior uma idéa aproximada da organização que actualmente tem em Portugal a instrucção publica. Observar-se-ha que falta harmonia no conjunto, e reconhecer-se-ha a necessidade que teem os nossos vizinhos de um plano geral que a estabeleça, devendo para isso ceder a universidade de Coimbra alguma cousa dos seus antigos direitos. Porém fallemos já em particular dos elementos

com que em Lisboa se conta para a cultura das sciencias naturaes.

(Continua.)  
(Boletim Official.)

A segunda invasão da cholera morbus na Europa renovou o terror, que incutiu a sua presença em 1833. A sciencia medica e a administração em toda a parte derão as mãos para combaterem juntas tão fatal inimigo; e a imprensa registou e regista diariamente os factos e as opiniões, que mais importa conhecer. E' neste sentido que a EPOCA tem já publicado alguns artigos, e publica hoje este, assignado por um dos facultativos mais instruidos e pensadores da capital. A sua exposição é clara e sincera; a verdade exposta com nobreza; as duvidas e as trevas que cercão esta questão nem se negão nem se disfarção. O Sr. Simas, escrevendo este artigo util e essencialmente pratico, applicou-se a resumir os preceitos mais importantes de hygiene publica e privada. Os nossos leitores acharão n'elle um roteiro facil e claro, em que estão as regras necessarias para se prevenirem de ataque, e atravessarem sem desastre a quadra da epidemia, dando o caso que ella nos visite.

Acrescentaremos, porém, que a sua presença em Londres nada offerece de assustador. Os casos têm sido raros e mais benignos do que fataes; avizinhandose dos climas temperados a cholera perde na intensidade e na extensão. A's ultimas noticias na capital da Inglaterra desaparecera o terror; e vivia-se como se tão estranho hospede não existisse. A cholera parece ir em declinação, retirando-se dos pontos onde mais estragos fez, e apagando-se cada vez mais frouxa nos pontos, onde rebentára em 1832 e 33 com extrema força. Ha toda a esperança de que a influencia da estação invernos a acabe de consumir em Londres, e de que nos não visite. mesmo se as convenientes medidas sanitarias de policia e salubridade forem tomadas a tempo, com unidade e promptidão.

Em 1817 sahio da India pela primeira vez uma epidemia até então desconhecida, a cholera morbus. — Em 1830 o flagello, transpondo a Asia, penetrou na Europa, onde os seus estragos duraram até 1837. Desgraçadamente torna hoje a repetir-se esta tremenda calamidade no meio do susto e do terror de todos.

Como nasceu a epidemia, d'onde provem, em que consiste? Está nos fluidos constituintes da atmosphera? nos ponderaveis, ou nos imponderaveis? Será uma emanção da terra, um novo fluido, ou será o resultado da putrefacção pantanosa que á semilhança d'um fermento põe tudo em movimento? Discutindo outra hypothese, por ventura poderá ella ser devida á exis-

tencia d'uma alluvião de insectos que ninguem viu, cuja espantosa reproducção porém lhes permite uma viagem tão gigantesca, zombando do espaço como do tempo, dos homens como da natureza? De que modo se propaga esta molestia; qual é o segredo mechanico da sua marcha? Será o contagio, a infecção, ambos estes males reunidos, ou qualquer outro desconhecido?

Eis o que ninguem sabe. As perguntas são tantas quantos são os problemas que por muito tempo ficarão insoluveis. A cholera é a molestia dominante da nossa epoca, e quasi todos os seculos tem tido uma. A origem desta desconhece-se porém; não se lhe explica a progressão; como se ignora da mesma maneira a sua natureza e o tratamento que mais convem. Apenas se conhece a physionomia que a distingue de qualquer outra molestia, que possa ter analogia com ella; o resto é como a sombra d'um corpo que se esconde nas trévas. Comprehende-se pois quanto é difficil combater de frente um inimigo que assim escapa e nos acomette occulto; e a experiencia prova com effeito de sobejo a inutilidade dos meios directos que se lhe tem opposto, principalmente com o fim de prevenir a sua invasão e extensão. — Nem por isso devemos desanimar. Restão-nos os meios indirectos, cuja utilidade está mais que demonstrada. — Estes são a taboa de salvação, que se nos offerece: — occupemos-nos delles por um pouco.

A pratica dos principios de hygiene publica e particular, tanto das cidades, villas e aldéas, como dos individuos, tão util sempre em todos os tempos, torna-se sobre tudo necessaria na occasião presente. Uma grande epidemia ameaça o paiz; estamos no seu periodo de imminencia; urge por consequencia recorrer aos principios para tomando todas as precauções se diminuir a intensidade do mal e se limitar muito a sua extensão. E' preciso prepararmo-nos para a receber, roubando á sua cruel acção o pasto natural.

As Camaras Municipaes do Reino são as que teem deveres mais importantes a cumprir; e grande é a responsabilidade que sobre ellas vai pezar; mas tambem nunca a sua missão foi tão nobre, nem a esphera dos seus serviços mais bella. Toda a municipalidade que tiver a peito corresponder á confiança que nella se depositou deve immediatamente encarregar o facultativo de partido d'examinar cuidadosamente o Concelho, e conhecer pelo seu relatorio quaes são as causas de insalubridade local, e os meios porque hão-de ser debelladas ou atenuadas. Todo e qualquer fóco d'infecção será anniquilado. A limpeza das ruas e dos mercados é indispensavel — os estabelecimentos publicos estão no mesmo caso. — As prisões e hospitaes deverão ser cuidadosamente ventilados, e não contem senão o numero de individuos proporcionado á capacidade do edificio — por este modo evita-se a humidade, e o resultado bem conhecido d'uma grande reunião de homens, que tiram do ar elementos de vi-

da, desenvolvendo-lhe em troca germens de morte. — O ar d'uma atmospherica circumscripção e não renovada é a causa que mais favorece o desenvolvimento da cholera.

Precisa-se acabar para sempre com o uso fatal de enterrar os mortos dentro das Igrejas, ou em cemiterios dentro das povoações. — No Algarve, a villa d'Olhão que tão heroica se mostrou em todas as lides pela liberdade, e pela independencia, consente (com pezar o dizemos!) que os cadaveres ainda sejam sepultados na Igreja. Faro, a capital da provincia, que deveria ser a primeira em dar os bons exemplos, não tem um cemiterio fóra da cidade, e acha-se circumvalada por uma linha feita de médas de estrumes! Custa a crêr que o desleixo chegue a tanto; e nem o queremos qualificar. Entre tanto as estrumeiras devem desaparecer, — quem as mandou fazer que as desfaça; deste modo a Camara nem poderá desculpar-se com a despeza. O cemiterio deve designar-se fóra da cidade, custe o que custar, embora contribua os habitantes, que nem podem de modo algum esquivar-se a esta contribuição tão necessaria como util; porque nem é possível, sem grave detrimento da saude dos povos, que se tolere um uso tão nocivo por mais tempo.

O que dizemos de Faro e d'Olhão (que mui de proposito citámos no interesse de seus habitantes) applica-se a todas as demais terras do reino em que se derem circumstancias analogas ou identicas. Também não devem esquecer as visitas sanitarias ás lojas de bebidas e de alimentos, prohibindo expressamente a venda de quanto fór nocivo, e não reunir as condições prescriptas pelas leis da hygiene.

Chamarei particularmente a attenção das Camaras para a classe pobre e indigente, cuja existencia precaria é a causa mais poderosa que dispõe a contrahir a cholera. — As estatisticas são todas unanimes neste ponto — os individuos sujeitos a privações de todos os generos são os que o flagello mais tem perseguido, e os em que as estatisticas mortuarias mais abundão. — Os pobres devem ser arrolados; e não fallamos só dos mendigos, comprehendemos egualmente as familias necessitadas, a pobreza envergonhada, que geme na obscuridade, e que é essencial socorrer a tempo. Em fim o facultativo do logar proverá melhor do que se póde notar aqui a tudo aquillo que importa attender.

Não é porém só com estes meios que a epidemia deve ser combatida. Outros ha ainda que pertencem ao individuo, e dependem inteiramente da sua vontade; como da sua execução depende a conservação da saude. Convem que todos se vistam *confortavelmente*, pondo-se ao abrigo das vicissitudes atmosphericas por meio de flanela que lhe cubra o peito e o ventre; e de calçado que resista á humidade. Os çapatos ou botas de duas sollas estão neste caso. Deverá haver o maior resguardo quanto aos alimentos; nesta parte ha de ser cada um o medico de si mesmo para conhecer

o que lhe aproveita mais. As substancias geralmente reputadas indigestas devem ser excluidas da meza. A carne de porco, ou salgada, ou ensacada como presunto, chouriço, e salame; certos peixes como sardinha, cavalla, atum, e mariscos determinam por vezes indigestões, que em presença da epidemia são mui perigosas, porque podem provocar o ataque. Pelo contrario as carnes frescas de vacca, de vitella, de carneiro, de gallinha, de frango, de Perú; a pescada e o linguado alimentam em pequena quantidade, e são muito saudaveis como todos sabem. As hervas cruas além de nutrirem pouco, podem ser prejudiciaes, e as cozidas apezar de não o serem tanto convem todavia evital-as. A couve é pessimo alimento. Os ovos molles digirem-se facilmente, os duros causam pezo no estomago. As comidas serão tomadas quentes, porque frias produzem ás vezes colicas e diarrhea, o mesmo direi do leite que não deve ser bebido frio e cru, mas sim quente ou misturado com chá da India.

As pessoas a quem o café com leite promove por vezes o destempero de ventre, devem abster-se de o tomar. O chá é considerado como bebida util; o café parece nocivo. A quantidade de comida que se digire não é cousa indifferente. Os abusos no comer envolvem perigo, principalmente á cêa, que é melhor evitar. Antes ficar com vontade de comer, do que levantar-se da meza *impando* de cheio. Todos os excessos são perigosissimos: por isso também não é conveniente que o estomago esteja muito tempo vazio. As bebidas espirituosas tomadas com moderação e a tempo não fazem mal nenhum; o seu excesso pelo contrario é perniciosissimo. Em um relatório da Commissão da Sociedade de Temperança de Newlfork lê-se que entre 336 victimas da cholera achou-se 195 bebados, 131 bebedores mais moderados, dois membros da sociedade da Temperança, 5 individuos sobrios e 3 cuja vida se ignorava. Como se vê a proporção dos bebados e bebedores é enormissima, em quanto a sobriedade, e a temperança foram respeitadas, porque apenas contam 7 individuos, em um total de 336 — Sirva este exemplo de preceito.

Toda e qualquer indisposição deve immediatamente ser tratada. A tranquillidade de espirito é egualmente necessaria, e diz-se com razão que não é bom ter medo; como porém não deixa de ter medo quem quer, convem esquecer-o em conversações agradaveis, em leituras que prendam a attenção, nos passeios tanto a pé como a cavallo, e no trabalho. Todo o exercicio deve ser moderado. Praticando-se este regimen oppõe-se á cholera um inimigo forte, que difficilmente ou raras vezes ella chega a vencer. Por tanto o melhor preservativo, a sobriedade é a regularidade em todos os actos da vida.

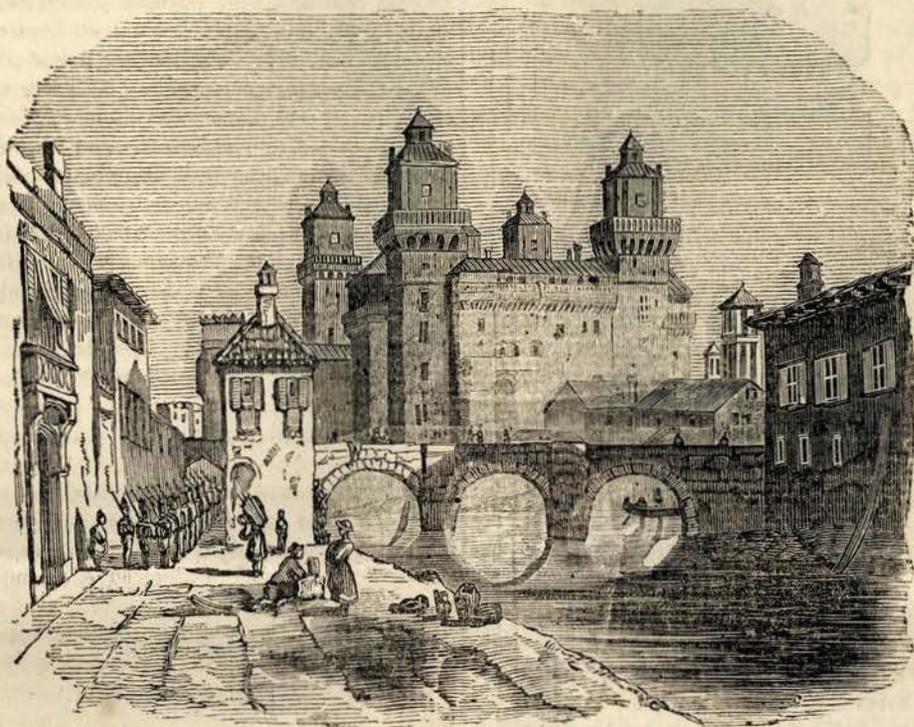
Posto em pratica este regimen, e convertido em systema ordinario de vida oppoz-se á cholera morbus uma resistencia, que ella difficulosamente ha-de

vencer. A experiencia tem provado, que o melhor preservativo contra o flagello é sempre a vida sóbria, regular, e tranquilla. Na ordem phisica como na mo-

ral a serenidade do homem diante do perigo é já em si um presagio e um elemento de victoria.

*J. J. de Simas.*

## LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



VISTA DE FERRARA.

A nossa estampa de hoje é uma vista da celebre cidade de Ferrara: cidade poetica da meia-edade, e cheia de recordações historicas. É alli que vaguêa ainda a sombra do maior épico das edades modernas, do Tasso.

Esta cidade foi ainda ha pouco theatro dos grandes acontecimentos militares, que hoje interessam á Italia, e á Europa inteira.

### TELEGRAPHOS ELECTRICOS.

Para completar o systema de communicações rapidas, que no nosso seculo se tem desenvolvido na Europa, e que tornam as permutações tão numerosas e faceis; para desenvolver e levar ao seu ultimo periodo de perfeição os prodigiosos effeitos que na civilisação produzem já e hão-de produzir de futuro os ca-

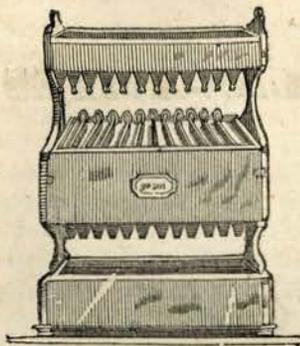
minhos de ferro, appareceram os telegraphos electricos; maravilhosa descoberta que promete modificar e melhorar singularmente as relações sociaes.

Os caminhos de ferro e os telegraphos electricos são em si uma reforma social, grande e profunda, que ha-de necessariamente influir sobre todas as classes, augmentando-lhe o numero de meios de satisfazerem as suas necessidades, e facilitando-lhe e garantindo-lhe, permita-se-nos escrever este verbo, o seu *direito ao trabalho*.

Logo que estas novas forças tiverem tomado nos povos modernos o lugar que indubitavelmente lhes pertence, a sociedade soffrerá uma transformação que não pode ser calculada dantemão.

Nos telegraphos electricos a força motriz é a electricidade desenvolvida pelo contacto dos metaes n'uma grande pilha: a acção do agente electrico convenientemente dirigida, e passando por fios de metal conductor, vae ao longe levar o pensamento humano com a rapidez do raio.

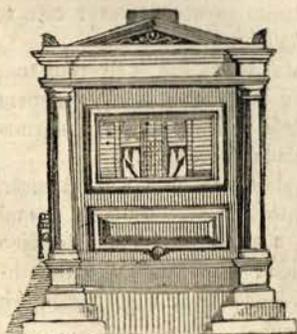
No systema de Brett e Little a pilha é de uma acção constante, forte, e economicamente produzida. Este augmento no poder da pilha é obtido pelo modo seguinte :



PILHA.

Na parte superior da pilha ha um reservatorio com o acido sulfurico diluido, que é terminado inferiormente por pequenos cones perfurados, por onde se escôa o acido: pela parte inferior fica a bateria galvanica, composta de muitos pares, isto é, de muitas laminas em que entram dois metaes, separados por compartimentos de areia fina: o acido que, cahindo da caixa superior vem humedecer a areia, sae depois por outras aberturas de fôrma conica, para um reservatorio inferior. Por este processo a areia que cerca os pares da pilha está constantemente saturada pelo acido, e como vae sempre cahindo sobre ella uma porção nova de acido, e o fluido viciado sae pelas aberturas inferiores, segue-se que o acido combinando-a com os metaes fôrma saes que não cristalisam sobre as laminas, mas caem no reservatorio inferior, deixando estas livres e expostas á acção dos acidos.

O indicador de Brett e Little tem uma fôrma diversa da dos indicadores anteriormente usados. Os antigos indicadores eram em geral magneticos, e a sua continua vibração por causa das variações atmosphericas foi e está sendo ainda causa de muitos erros e transtornos. O novo indicador é formado de duas columnas verticaes contendo numeros de 1 a 25. O centro da chapa é occupado pela disposição simbolica das letras e figuras pelas quaes todas as letras do alfabeto se podem designar.



## INDICADOR.

Quando os dois ponteiros que se vêem na parte inferior estão em quietação, tomam uma posição angular; mas quando se põem em acção movem-se para uma posição proxivamente vertical, de que não podem passar porque encontram uma barrasinha vertical que a isso obsta.

Para transmittir um ou mais signaes, as letras do alfabeto são designadas por um ou mais movimentos em cada um dos dois ponteiros. Assim a letra *A* é designada por um movimento do ponteiro esquerdo; a letra *B* por dois movimentos do mesmo ponteiro, &c.

Vê-se, por esta ligeira descripção que deixamos feita das partes principaes do telegrapho electrico, a grande vantagem que este tem sobre o telegrapho ordinario; não só por nelle ser mais facil a leitura, mas principalmente porque trabalha seja qual fôr o estado da atmosphera e sempre com uma velocidade espantosa.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XVI.

*Uma cêa cara.**(Continuado do n.º 19.)*

— « Não posso. Deus sabe se desejo servir-vos, mas não posso. Tenho de os pagar até á ultima mealha. »

— « Olha, D. Zuleima » — proseguiu todo risonho o Sr. de Lanhoso — « ou tu me emprestas estes morabitos, ou eu te mando enterrar na cisterna deste castello, e digo depois que foi o cão do judeu que lá se foi deitar tentado do diabo. »

— « Se vos bastassem cem ? »

— « Se eu te mandasse cortar as mãos ? »

— « Duzentos, duzentos ! » — exclamou o judeu como o vendilhão entrincheirado na ultima proposta.

— « E um pé decepado ao usurario judeu ? »

— « Em fim » — suspirou o padecente — levaj-o todo, esse desaventurado dinheiro. Mas é de el-rei — que se não lho entrego me corta a cabeça. Apiedai-vos. Assignai-me um pergaminho de que mo . . . . re-cebestes. »

O judeu negociava tambem menos mal como se vê. Reservou para ultima a condição essencial sem esquecer a defeza dos pontos secundarios. Infelizmente tinha encontrado um negociador inexoravel.

— « E' justo, por santiago ! » — acudiu com bene-

volo sorrizo Martim Paes. «E' de justiça. Escreve-o para lhe pôr logo o sello.»

D. Zuleima, radiozo, sacou do seu escriptorio portatil, e de cabeça baixa, entrou a encher de garatujas uma tira de pergaminho. O Sr. de Lanhoso abanava a cabeça, em quanto elle escrevia.

— «Agora o sello» disse o rabino.

— «D. Zacharias o sello ha-de ser a lingua da varreja das arcas reaes, que se atreve a duvidar da palavra d'um rico-homem.»

Mestre Zacharias Zuleima não disse nada. Rasgou o pergaminho, e levando as mãos á cabeça, trouxe um punhado de cabellos em cada uma.

— «Adeus generoso thesoureiro — bradou com carneio o Sr. de Lanhoso — vai repousar á boa torre de menagem, responsa a toda a synagoga o teu dinheiro, e amanhã acharás as portas abertas para sahir.»

Concluida com tanta habilidade a negociação o cavalleiro arrecadou os saccos, e chamou dois homens d'armas. No meio delles foi D. Zuleima para a torre, callado e com as mãos enterradas até ao cotovello nos bolços da aljubeta.

Era pagar um pouco caro a boa ceia de Vasco Lourenço.

Trezentos morabitanos por duas mãos cheias de sal, e uns ossos de viado — nunca todas as synagogas juntas lograram chimpár a uma victima.

Pobre D. Zuleima!

#### CAPITULO XVII.

##### *Emprazamento.*

Em quanto o sileno monacal ressona no cubiculo para onde Fr. Munio o mandou levar; e o triste D. Zuleima bate com a cabeça nos ladrilhos da torre; deixando-os conciliar o somno voltemos á hermidia, na qual Gomes Lourenço acalmado um pouco o desespero reza com fervor sobre a sepultura de seu pai.

Martim Paes acabando de escorrer da bolça do judeu a ultima moeda subio á salla d'armas, e annunciou a D. Nuno a chuva d'ouro, com que a providencia lhes acudia.

— «Agora que venham quando quizerem» — concluiu o altivo Sr. de Lanhoso.

— «De Portugal a Castella não é longe» — respondeu D. Nuno.

— «Temos ferro para uns, e ouro para outros.»

— «Tecto que nos cubra, escravos e solarengos, que nos sirvam em toda a parte se acham.»

— «Bem comprido ha-de ser o braço de D. Affonso o Leproso para me colher, aonde eu fór» — acudiu com uma risada amarga o cavalleiro moço.

A lepra era naquella epoca a mais cruel enfermidade; aos padecimentos phisicos unia a excommunhão social, que de toda a parte repellia o infeliz como

se pezasse sobre elle o braço vingador de Deus. D. Martim, valido de Sancho 1.º e por isso profundamente odiado do novo monarcha, alludindo a ella aviltava o rei, e feria-o na face com o interdicto religioso e civil. A religião quasi que não tinha consolações para o Leproso. — O mundo murava-o em recinto solitario, e afastava-se delle com horror. Rei, Affonso 2.º não provou de toda a amargura deste castigo tremendo mas em mais d'uma occasião descobriu o tedio e o desprezo na aparente amizade dos seus cavalleiros. Demais nascida no reinado de seu avô e educada na eschola guerreira de seu pai, a nobreza de Portugal soffria de má vontade um principe, que longe de ter herdado delles a robustez do soldado, sentia bater no peito quasi o coração de uma dama.

Os ricos-homens enganaram-se como tudo, julgando, que nas suas mãos as redeas do governo fluctuariam frouxas. A fraqueza, que o desviava do campo das pelejas, não quebrou o nervo d'aço do character do principe. Ninguem foi mais cioso dos direitos reaes, nem mais resolute em os manter illezos.

Pegando na taça cheia do sangue duas vezes aborrecido do seu adversario, Martim Paes antes de a pôr á bocca tremia de prazer. Era o mais nobre dos Viegas, era o amigo de Affonso 2.º que ia matar; dois odios decepados do mesmo golpe. Um crepe negro, porém, ondeava diante desta alegria feroz. O que ia praticar não se desculpava com o exemplo dos crimes e vinganças do seu tempo; nem se explicava pelas regras da grosseira, mas singella lealdade, que de algum modo as dirigia. Rei, clero, damas e cavalleiros, toda a gente se havia de levantar, e amaldiçoal-o por uma só bocca, como traidor; social-o de opprobrio como vil, e arrastal-o no lodo da infamia como verdugo.

Para sahir desta situação bastava uma palavra; mas para os labios a dizerem era necessario que não palpitasse naquelle peito um coração nutrido do leite de odios encanecidos; e fevra a fevra tecido com os espinhos da vingança. Tinha animo para tudo, menos para viver, em quanto respirava na mesma terra o cavalleiro, que o vergára vencido debaixo dos joelhos, e com o punhal na garganta lhe arraçára esse grito de covardia, depois do qual forçosamente um dos dois tinha de emudecer para sempre.

A esta idéa associava-se a da injuria recebida por sua irmã. Lembrava-se que por sua causa perdera ella a honra de uma casa nobre, e chegára á dolorosa necessidade de ter d'esconder com vergonha o nome, que a morte de Gomes Lourenço lhe ia gravar na fronte. A cova do cavalleiro de Salzedas era a sepultura da reputação d'uma mulher, e da gloria d'um solar. Assassinando o seu inimigo, juntamente com elle, assassinava a esperanza e o futuro da sua irmã. O golpe do cutello, quando cahisse, cortava-lhe os laços de patria, de sangue, e de familia.

Movido por estas reflexões encontradas D. Martim,

no recanto da sala por largo espaço, fallou com D. Nuno. A cabeça quasi calva do cavalleiro idoso meneava-se a compasso em signal d'assentimento, do mesmo modo que a do mandarin de porcellana se balança com a solemnidade da mais interessada gravidade. Terminada a conferencia o Sr. de Lanhoso subiu ao aposento de sua irmã; e o alcaide de Santa Olaia desceu ao oratorio de Gomes Lourenço.

D. Nuno aproximou-se, e fez quanto humanamente podia para tomar um gesto aprazível, e maneiras conciliadoras; mas o riso e o agrado naquella amavel fisionomia eram visagens. Deus não lhe concedera senão um pouco mais do que liberalisa em chiste e elegancia aos felpudos moradores das selvas, vulgarmente chamados « Monos. »

O moço alferes ergueu-se. A sua vista recta e penetrante interrogava e opprimia ao mesmo tempo. D. Nuno abaixou os olhos.

— « Sabeis para que vim aqui? » disse o emissario com algum tremor na voz.

— « Ainda o não dissestes » respondeu o mancebo de um modo secco.

— « Para te salvar! » acudiu D. Nuno com uma grande explosão de cordialidade, detestavelmente representada.

Proferiu estas palavras, pouco mais ou menos, com a verdade *artística* do orador sentimental, que se esbofetea na tribuna chorando a sorte da nação que não ha-de sobreviver á queda delle. D. Nuno era o perfeito « fac-simile » de taes Tartufos por Dantan Junior modelados com um gancho na lingua, um lago de peixes aos pés, e um par d'azas de morcego ás costas.

Gomes Lourenço commentou a famosa declaração com um só monossilabo.

— « Era o — « ora! » — ou a risada secca, que tantas vezes engasga a rethorica pingada dos Demostenes Polichinellos.

— « Ah! » exclamou elle com inexplicavel ironia.

O alcaide punha e tirava os pés, coçava o nariz, belliscava a orelha, e mostrava estar muito pouco á sua vontade. Achava-se litteralmente empalado na sua embaixada.

Um pedaço estiveram a olhar um para o outro. Gomes Lourenço com a pungente irrisão de quem percebe um embuste; D. Nuno com o fucinho contristado do gato depois de errar o salto.

— « Com que viestes salvar-me? » — disse o mancebo carregando em cada palavra. — Grande caso de consciencia! Então o que temos? »

O cavalleiro velho respirou. Não sabia como havia de principiar. Abriram-lhe aquella meia porta, e meteu-se por ella, abençoando a sua estrella.

— « E' verdade; venho salvar-te, mancebo; trata-se » — Pegou-se-lhe outra vez a lingua — trata-se . . . »

— « De traição, ou de infamia. E' o que me está

dizendo a boa escolha do embaixador. »

O alcaide estacou. Tinham sido entendidas as suas instrucções secretas, e a honestidade do seu caracter completamente reconhecida. Deviam seguir-se as explicações prévias.

D. Nuno, porém, detestava o « charco immundo das recriminações pessoaes, » como se diz em linguagem politica; e redarguia com a « dignidade do silencio. » Isto é, não se atrevia a abrir a bocca e a desmentil-o.

— « Vamos á mensajem . . . »

— « Aceita a mão de Maria Paes, e dá-lhe o teu nome em paga da sua honra. Recusaste ha pouco; foi a cholera e não a razão. Aceita agora e farás bem. »

— « Está perto cavalgada de D. Egas, meu irmão? »

Perguntou o mancebo sorrindo.

— « Se estivesse, a tua cabeça do alto das ameias o avisaria de que chegava tarde » — retrucou D. Nuno desta vez ao menos com toda a sinceridade.

— « Bem! Continuai. »

— « Se consentes acabamos isto em um noivado. »

— « E' tudo? »

O alcaide acenou que sim.

— « E se eu recusar? »

— « Será tua a culpa. A ti só te pedirá Deus conta do sangue que se derramar. »

— « Estais em privença com Deus, D. Nuno! Fallais, como mestre em segredos da sua curia! Ouvia cá, honrado alcaide. Tens sessenta e nove annos feitos e um pé na cova. . . »

O cavalleiro velho reconheceu com um gesto a primeira verdade; e com a mais lacrimosa momice a segunda.

— « Por alguma vez o ouvir dizer, em tão larga vida, sabes o que é o brio e dever de um cavalleiro? . . . »

A pergunta era feita com a egualdade de voz e serenidade de animo, propria para tirar á injuria todo o sabor de cholera. Vinha do mais intimo convencimento. O velho alcaide deu um pullo mordendo os beiços com tal raiva que lhe espirrou o sangue delles.

— « D. Gomes Lourenço! » rugiu elle.

— « Se o ouviste dizer — proseguiu sem se alterar o moço alferes — para que vens fazer-me tal proposta? »

— « Recusas? »

— « Nem te quero ouvir sequer. »

— « Olha bem, mancebo » — atalhou o plenipotenciario, prerompndo no tom de ellegia do seu admiravel — « venho salvar-te! » Olha o que fazes. E' tentar a Deus. »

— « Déste em beata, ou em theologo D. Nuno? »

— « Não gracejes com a morte. »

— « Sabes ha quantos annos existe a casa de Salzedas? »

— « Sei; mas escuta . . . »

— « Pois bem; não houve nunca traidor nella. Ne-

ga se podes! O sangue do Espadeiro não se mistura com o dos covardes do Lanhoso. Os Viegas não estão costumados a receber a infamia em arrhas e a vergonha por esposa.»

— «Recuemos todos Gomes Lourenço. Dize uma palavra, e abraçamo-nos.»

— «Livre não a dizia; prezo e com a cabeça de baixo do cutello . . . menos. Os Viegas D. Nuno, não pedem, nem compram mercê.»

— «Então estás resolvido? . . .»

— «A morrer.»

— «E fazes bem.» — bradou Martim Paes de fóra. E entrando, cerrou com força a porta, detraz da qual estivera escutando.

— «Fazes bem. Havia um noivado alli» — e apontou para o altar — «mas as nupcias consummavam-se aqui» e concluiu mostrando o cepo e o cutello.

— «E's irmão de Maria Paes . . . verdadeiro irmão» respondeu com desprezo o cavalleiro de Salzedas.

— «Sou. Dou-te meia hora para te compores com Deus.»

«*Judica me Deus et discerne causam meam . . .*»

Rezaram perto delles com empção. No escuro não se descobria o corpo, mas era a conhecida voz de Fr. Munio.

— «Quem se atreve a cantar latim de enterro, quando eu fallo?» exclamou D. Martim, irado.

«*A gente non sancta et ab homine iniquo et doloso erue me.*»

Acabou o monge. Depois sem acrescentar mais nada, triste e silencioso, passando diante de todos, como a sombra do remorso, desapareceu.

— «Estes monges! . . . Eu hei-de acabar com esta raça» rosou D. Nuno.

Era comica pelo menos a ameaça, e mais comico ainda o tom de convencimento em que a pronunciou o pobre homem.

Gomes Lourenço, que por minutos guardára silencio, alçando de repente a cabeça, estendeu o braço para os dois que a reza perturbára, e bradou:

— «Pelo céu que nos vê; pela terra que me ha-de comer; e por Christo, consagrado na hostia, a ambos vós emprazo para dentro em seis dias, contados, responderes com a alma perante Deus.»

D. Nuno descorou e D. Martim balbuciava uma resposta, quando a mesma voz que já tinham ouvido ressoando nas arcarias — se ergueu de novo.

— «Gomes Lourenço antes de seis dias a alma destes homens estará no inferno. Aceito o prazo.»

— « Raios de Judas! » gritou com terror o Sr. de Lanhoso. «Hei-de vêr onde se esconde o bruxo.»

D. Nuno é que não se resolveu a proceder á victoria. Apegando-se ás paredes, verde-garrafa, de medo apressou-se a sabir quanto antes. D. Martim ainda deu dois passos; mas tornou a desandal-os julgando mais prudente imitar o velho alcaide. Ambos desassombaram o prezo da sua odiosa presença.

A voz occulta não aterrou menos Gomes Lourenço. Estavam muito arraigadas as crenças supersticiosas da epoca para qualquer se levantar contra ellas, e as submeter ao exame do raciocinio. Demais os philosophos da encyclopedia mesmo quando meditavam o bello artigo: «Os espiritos vitaes sobreexcitados» se do fundo da escrevaninha ou do gargallo da garrafa da tinta lhes estallasse uma boa gargalhada, rolavam da theoria abaixo, e simples mortaes, a custo escapariam d'uma apoplexia fulminante.

Mas o pavor do moço alferes ainda se augmentou mais, quando para o topo da capella as ramas da arvore d'Ansur rangeram como se alguém as desviasse. Dentre as trevas começava a avultar uma forma confusa, e a recortar-se á claridade do lampadario. Figurou-se-lhe, que em vez de andar escorregava pelo pavimento.

O mancebo olhava para a apparição no espasmo do terror supremo. Aquella hora, naquelle momento, e depois das palavras que tinha escutado, não podia crer que fosse um homem como elle.

— «Atraz, visão da morte!» murmurava benzedo-se.

Mas ao adelgaçar da escuridão a figura, caminhando sempre, caracterisava-se mais de cada vez. No principio não ouvia o ruido dos pés; agora estremecia com o calcar secco e batido dos passos tropegos. Uma tunica de lã, fraldada e larga descia do pescoço onde se affogava até aos pés.

Quando chegou a pequena distancia d'elle, o mancebo desenganou-se de que não fôra interrompido por visão do céu nem do inferno. Entre tanto o personagem novo que vae entrar em scena merece que o estudemos com mais algum cuidado.

#### CAPITULO XVIII.

##### *Ainda ha dor maior.*

O moço cavalleiro de Salzedas pasmou d'uma cousa; nos passos do homem que se aproximava havia a incerteza de quem apalpa o caminho nas trevas; e entre tanto, frouxa como brilhava, a luz era de mais para se andar sem hesitação. Com as mãos estendidas diante de si, e passos arrastados o novo personagem chegou ao pé do cepo; os dedos tocando nelle sentiram o cutello, e refugiram com horror da frialdade do ferro. Demorou-se alli um pouco tomado do enleio de repentinas reflexões.

Sobrou então ao mancebo tempo para o examinar á sua vontade.

A cabeça e o rosto do romeiro deviam de ter sido bellos; não da belleza languida d'um Antinoos, mas da masculina formosura que dá realce ás graças d'Apollo com as fórmas viris do Achilles grego. Na epoca em que a vida floresce e vegeta com todo o vigor da seiva, poucos homens seriam mais esbeltos do que elle.

Não era a fronte palida e suave em que a vista do observador descobre logo o reflexo de uma existencia serena. Aquella testa larga e calva arqueava-se com demasiada altivez para exprimir resignação, quando mesmo a não sulcasse rugas fundas como o oceano em cujo seio dormita a procella; confuzas como as vagas que são o manto impenetravel dos seus abyssos. Espelho turvo, no seu rosto lia-se apenas a dôr e desesperação. O pensamento que lá dentro ardia por força se tinha balouçado no dorso negro das tempestades humanas.

Era facil perceber nas faces cavadas o sitio, por onde as lagrimas haviam passado, queimando ardentemente como lava; nem os jejuns, nem a penitencia se aninhavam nellas. O coração que batia debaixo da grosseira lâ do habito advinhava-se que podia estalar d'orgulho, porém mirrar-se na humildade do cilicio nunca. O seu olhar não tinha o brilho manso em que se retrata um animo tranquillo; encovados, vidrentos e orladoõ de sangue, no azul empanado das pupillas não havia fulgor; estava de todo apagado o raio da luz. Para os cantos a bocca fazia essa préga, que mal observada suppomos ser um sorriso, e é só o sello eterno das reflexões dolorosas. Alli, a ironia ou o escarneo poderiam contrahir-se, mas a bondade agasalhadora nunca. Em fim, tudo revelava que antes de chegar a meio caminho da vida aquelle homem, fulminado pelo braço de Deus semelhante ao cedro morria lentamente no tronco que se torcia nú e ferido. Ainda soberbo depois do golpe, mas lacerado, negro do rasto do fogo, e debil como o arbusto que d'antes se abrigava á sua sombra.

L. A. Rebello da Silva.  
(Continua.)

## POESIA.

### O NAUTA.

(VERSÃO DO FRANCEZ).

Eis o formoso oceano! — Como lindas  
São suas ondas de prata! — Mil perfumes  
Que usam damas gentis, juntos, não valem  
Seu cheiro a marezia!... Seu bramido  
Val seu canto argentino.

Eis o meu brigue, eis sua extensa quilha!  
Seus dois mastros!... De novo inda me assento  
Na coberta: lá vejo o audaz goelano (\*)  
De negro manto, as vagas orgulhosas  
Razar co'as fortes azas.

(\*) Especie de guincho, ou gaiota.

Meu horisonte é só o céu e as ondas!  
Isto faz delirar!... Como eu adoro  
O oceano formoso... eu amo o oceano  
Porque, só, é mais bello que os dois mundos,  
Porque é senhor e rei!

Como para renderem homenagem  
Ao seu senhor supremo vêm os rios  
Em seu seio correr, rio profundo,  
Só é o sol diadema que ornar possa  
A sua immensa frente.

Sem jámais se esgotar, ao romper d'alva  
Lá faz subir ao céu as frescas agoas  
Qual vaporoso incenso; e o céu tão bello  
Lhe dá mil nuvens d'ouro como em paga,  
Roçadas pelo pé d'anjo formoso:  
Dos seus ricos presentes fazem troca  
Como dois grandes reis que honrar se querem

Oh Oceano, o que faz tua raiva eterna?  
Achas mui puro o céu, sua luz mui bella?  
Precisas dos seus pontos luminosos  
E sóes desconhecidos, mar d'inveja?...  
Achas grande o logar que occupa a terra?  
Queres só livre ser no espaço immenso,  
Nada ter junto a ti, nada por cima?...

Mas já tuas ondas incham, lá se alinham,  
Já fremem, lá se rolam com o ruido  
Que fazem cem torrentes, branca espuma,  
Espessa qual tosão, vem pratear-te...  
Deus ri da tua cholera, os limites  
Teus não has-de transpor!.. Oh! sê altivo,  
Que a tua vasta prizão é meio globo!...

Avança meu navio, vae banhando,  
Tua prôa, e tua amarra que figura  
Duas fortes serpentes enlaçadas!  
Molha o verde vestido, eia! que a brisa  
Brinca em teu arvoredor!

Ávante, sempre ávante, inclina agora  
A grande véla... vá... que o már não cança,  
Nem sabe conhecer qual tem mais pezo  
Se é a planta marinha, ou bem se o forte  
Navio de tres mastros!

Oh meu Deus, se eu morasse no meu brigue!...  
Que alegria!... Viver em *Santa-Barbora*  
Pelo már embalado, dormir sempre  
Dentro do meu beliche tão querido,  
Ter o oceano por tumba!...

Mas iria manchar tua pureza,  
Oh már independente, nossos corpos  
Tu vomitas nas praias sobre os seixos,  
Encarregando a terra, tua escrava,  
De enterrar teus defuntos.

Meu Deus!.. chega a tormenta!.. O céu vermelho  
Se inflamma!... Que baloiços!... Enche a vaga  
A coberta!... Depressa!... mais depressa!...  
Com seus beijos d'espuma o már afaga  
O meu lindo navio!

Ála, as vélas cassae!... Fuzila o raio!...  
Grumetes aos ovens!... Os marinheiros  
Que subam ás enxarcias!... Nós os nautas  
Entregamos a vida ás tempestades,  
E aos ventos do céu, do már ás ondas.

Rolam as agoas verdes e amarellas,  
E a branca vaga, qual de neve um monte,  
Lá avança crescendo; brame o Oceano,  
Deus o bate co'o vento, como ao escravo  
Que se está castigando!

Como eu adoro o mar, inda que o veja  
Qual ferido leão, acceso em cholera,  
Que em furor se debate e erriça a juba,  
Que salta, que se arrasta, e a voz soltando,  
Horrenda, faz ouvir rugido extenso!...

Mas, eis que o vento fresco acariciá  
Cada lamina d'agoa: a vaga abate,  
Ondula e faz-se azul; passa a procella,  
Filhos, de Deus co'a ajuda, e co'o soccorro  
Da mãe Nossa Senhora!

Nem já nuvem no céu; o sol triumphá,  
Brilhando, escamas d'ouro faz nas agoas...  
Fracas ondulações, e compassadas,  
Meu navio embaloçam mansamente,  
Qual berço de menino que se embala.

Como agora está manso o mar soberbo!...  
Seu canto compassado vem casar-se  
Ao cantar da maruja... Deus passando  
Sua dextra sobre as ondas faz dobral-as  
Qual hastea d'uma hervilha!...

Nada, ligeiro brigue; como um peixe!  
Fumae, e sobre a tolda podeis rir-vos  
Minha alegre equipage... O nauta e ave  
Que vò apoz tormenta, sécca as azas  
E de novo começa o canto usado!...

J. V. B. da Costa.

## NOTICIAS.

### THEATRO DE D. MARIA II.

O novo drama original portuguez o = *Limpa Can-  
dieiros* = tem tido quatro representações. Este drama

escripto na escola dos dramas socialistas, de que nós  
já vimos um bom modello no *Trapeiro de Pariz*, tem  
sido recebido pelo publico com benevolencia, e applau-  
dido nas suas situações mais dramaticas.

E' para nós um prazer, e deve-o ser para todo o  
bom portuguez, o vêr que a arte busca acordar entre  
nós do somno mortal em que jaz.

### THEATRO DE S. CARLOS.

Está de novo em scena a opera de Verdi o = *At-  
tila*, = que nós temos visto já representar por duas  
outras companhias. O publico saudoso do theatro liri-  
co tem concorrido a S. Carlos, para escutar mais uma  
vez as bellas harmonias do *Maestro* favorito.

Madame Marietta Gresti e Benedetti que debutaram  
nesta opera, teem sido victoriados pela platéa; e com  
alguma razão se attendermos a que em S. Carlos ha  
muito se não ouviam senão operas completamente es-  
tragadas por actores gastos ou inteiramente ignorantes.

Madame Gresti é uma *prima dona* muito infe-  
rior a Rossi e a Boccabadati, porém é muitissimo su-  
perior ás *primas donas* da passada estação. A sua voz  
tem um timbre duro, executa com difficuldade as vo-  
latas, não destaca claramente as notas nas arias de  
*execução*, porém é uma voz, e uma voz que canta.

O Sr. Benedetti possui um baixo profundo, é bom  
actor, e sabe servir-se ás vezes felizmente da sua voz;  
mas não é, ao que nos parece, digno das ovações que  
se lhe teem feito em S. Carlos.

Proximamente vaé dár-se um *ballet* em que debuta-  
rá a nova dançarina.

### CEREAES NO PORTO.

Trigo da terra.....	600 a 800
Dito das Ilhas .....	480 a 529
Milho .....	360 a 370
Centeio .....	360 a 370
Cevada.....	240 a 260

### ALMANAK POPULAR PARA O ANNO DE 1849.

Acaba de publicar-se este livro. Contém, além do  
calendario e do que se acha em todas as folhinhas,  
muitos artigos interessantes, historia nacional, conhe-  
cimentos uteis, estatistica, poesia, musica, e 30 gra-  
vuras executadas por artistas portuguezes.

Vende-se este Almanak, por 160 réis, nas lojas  
dos Srs. Bertrand, Lavado, Carvalho e Martins, &c.

### LIGA PROMOTORA DOS INTERESSES MATERIAES DO PAIZ.

Reuniu-se esta nova associação pela terceira vez no  
Domingo 5 de Novembro, na sala nobre do theatro  
de D. Maria II. A reunião esteve bastante concorrida,  
e occupou-se de questões de ordem.

Ao annunciar esta reunião a meza da Liga preventivo ou publico:

Que todos os membros da Liga, e os que o quizessem ser, que ainda alli não tivessem o seu nome inscripto, se deviam inscrever, logo que entrassem na sala da sessão, nos cadernos que respeitam ás suas secções, que são:

- Agricultura;
- Commercio, alfandegas, navegação;
- Administração publica e vias de comunicação;
- Industria;
- Colonias;
- Hygiene publica e pauperismo;
- Estatistica e finanças;

Que todos os Srs. delegados das camaras municipales que ainda não tivessem apresentado á meza os titulos das suas nomeações, o deviam fazer por esta occasião;

Que para evitar confusão na entrada das galerias, haverá bilhetes tanto para a primeira, que é destinada para as senhoras, como para a segunda, que é destinada para os homens.

Que a meza da Liga aproveitava aquella occasião para agradecer a maneira digna e circunspecta que sempre tinham conservado todas as pessoas que haviam concorrido ás galerias nas antecedentes sessões, apezar da sua affluencia.

Este annuncio regulamentar continua em vigor para as sessões seguintes.

### FUNDOS PUBLICOS.

Em 8 de Novembro.

#### PRAÇA DE LISBOA.

No dia 6 de Novembro o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa	1,980	1,950
Tres operações	16	22
Inscrições de 5 por cento	47	48
Ditas de 4 por cento	31	33
Papel-moeda	10	13 m. forte
Titulos antigos (azues)	6	8
Escriptos para as alfandegas	88	90
Na 6. <sup>a</sup> parte	84	85
Ações do Banco de Portugal	450,000	455,000
Ditas das Lezirias	360,000	370,000
Ditas — Seguro Firmeza	380,000	370,000
Ditas — Fidelidade	20 a 22 por cento pr.	
Ditas — Omnibus	70,000	75,000
Ditas — Pescarias	27,000	28,000
Ditas — Vapores do Tejo	19,200	21,000
Ditas — União Commercial	56,000	58,000
Ditas — Fiação e Tecidos	70,000	72,000
Ditas — Valla d'Azambuja	100 por acção.	
Obras Publicas	2 <sup>1</sup> / <sub>2</sub>	3 por cento
Confiança Nacional	385,000	389,000

#### CEREAES.

Trigo do reino rijo, a bordo alqueire de	320 a 440
Molle, a bordo	400 a 480
Das Ilhas, a bordo	330 a 370

Cevada do reino, a bordo	180 a 190
Das Ilhas, a bordo	175 a —
Milho do reino, a bordo	290 a 295
Das Ilhas, a bordo	—
Centeio, a bordo	210 a 220

#### ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 13 a 19 de Outubro de 1848.

	Trigo		Cevada		Milho		Cevada	
	moios	alq. <sup>s</sup>	moios	alq. <sup>s</sup>	moios	alq. <sup>s</sup>	moios	alq. <sup>s</sup>
Entrada	585	27	80	27	42	8	—	3
Despacho	480	22	63	43	50	59	—	3
Existencia	7948	56	2583	27	671	54	120	51
Preços	400 a 540	220 a 240	340 a 360	280 a 320				

#### AVISO.

Participa-se a todos os Srs. Assignantes das provincias, que os Agentes a quem se devem dirigir, e entregar qualquer quantia pertencente ao jornal são os seguintes:

S. Lourenço do Bairro Mialhada, correspondente em Aveiro, José Simões de Paiva. — Midões, em Vizeu, Antonio da Silva. — Mialhada, Condeixa, Tentugal, em Coimbra, José Joice. — Alemquer, em Villa Franca de Xira, D. Maria Jacintho Salgado. — S. Miguel, Philippe Maria Bessone. — Fundão, Guarda, Mangualde, na Covilhã, Antonio Joaquim da Silva Junior. — Castro Verde, Campo Maior, em Portalegre, José Anastacio Dias Grande. — Angra, Terceira, Frederico Ferreira Campos. — Villa Nova de Milfontes, Odemira, Campo de Ourique, em Sines, Joaquim Pires de Mattos. — Quiaios, Alhadas, Maiorca, Cadima, na Figueira, Ignacio Fernandes Coelho. — Soure, Pombal, Marinha Grande, em Leiria, Miguel Joaquim Leitão. — Penha Garcia, Idanha Nova, Pena Macòr, Sigura, Rosmanihal, Sarzedas, Alpedrinha, em Castello Branco, Francisco José Mourão. — Ovar, Oliveira de Azemeis, na Feira, Bernardo José Corrêa de Sá. — Ponte de Lima, Vianna do Castello, Vianna do Minho, em Vianna, Luiz Manuel Monteiro. — Freixas, em Mirandella, José Bernardo Pinto Saraiva. — Povoá do Lanhoso, em Braga, João Antonio d'Oliveira Braga. — Portel, Serpa, Villa de Frades, em Beja, José Ricca. — Peniche, em Attouguia da Balea, Francisco Manuel Velloso da Horta. — Fayal, Manuel Alves Guerra. — Olhão, Loulé, em Faro, José Bento Dias Ferreira. — Monte Alegre, em Chaves, João de Sousa Pinto de Barros. — Funchal, Madeira, Goulde Roupe & C.<sup>a</sup> — Villa Nova de Portimão, Alcantarilla, em Lagos, Januario José Simões. — Esposende, em Barcellos, Francisco Jesé Pereira Braga. — Alpalhão, em Extremoz, Joaquim Felizardo da Cunha Ozorio.